

# ECONOMIA - BRASIL Réstia de esperança

○ Governo recebeu, publicamente, um ultimato que merecia. Os integrantes do Conselho de Índice de Preços, do IBGE, anunciaram que renunciarão se o Governo continuar fixando a inflação por critérios políticos. A revolta está atrasada em alguns meses, o que não a impede de ser expressiva e significativa da perda de autoridade.

Desde o Plano Cruzado, lançado em fevereiro com a escamoteação de parte da inflação, o Governo vem tentando enganar a população com índices irreais. As sucessivas afirmações de ministros econômicos e até do Presidente da República de que os preços estavam congelados e a inflação controlada não correspondiam à verdade, como qualquer cidadão comprovava em sua existência diária.

Em busca dessa irrealidade, o Governo modificou os critérios para calcular a inflação, retirou essa atribuição da Fundação Getúlio Vargas e entregou-a ao IBGE. A divulgação dos novos índices foi sempre recebida com desprezo pois todos sentiam que não correspondiam à realidade. Chegou-se ao ridículo de culpar produtos não essenciais, quase esporádicos, pelo aumento da inflação.

O comportamento do Governo foi errado quando procurou iludir a opinião pública, negando, por exemplo, a existência do ágio, pago nas transações mais cotidianas. Sem, naturalmente, ter informações corretas, o que se deve, talvez, ao fato de não prover a sua subsistência, o Presidente, em pronunciamento oficial, considerou o ágio uma denúncia para efeito político.

Em seu último programa na TV, olhando para o povo, o Presidente da República afirmou que a inflação oscilava entre 1 e 2 por cento ao mês. Claro que não diria isso se soubesse que, na verdade, a inflação paga pelo povo — não a calculada como dever de casa pelos meninos da Conceição — estava em torno dos 10 por cento. Não conhecia, decerto, o ativo mercado negro de produtos alimentícios, tabelados com publicidade pela Sunab, que, erroneamente, garantiu estarem congelados.

Esse distanciamento entre a verdade do povo, a vida do contribuinte e a ilusão do Governo, com as autoridades fechadas em palácios, palacetes e mansões, é altamente prejudicial. A Nação, nenhuma nação, pode ser conduzida por um governo que desconheça sua realidade. A Nação, nenhuma nação, respeita o governo que lhe escamoteia os fatos. O pensamento de Lincoln sobre a democracia é uma verdade bíblica, pois ninguém pode enganar a todos durante todo o tempo. Como o de que a revolta provocada pela desilusão é um princípio social irrefutável.

O presidente Sarney, pelas suas qualidades humanas, não merece desempenhar esse papel. O ultimato, pois, deve servir para que reflita sobre as distorções, as mentiras que lhe são ditas como verdadeiras. Será mais fácil o povo apoiá-lo se abordar com franqueza as dificuldades nacionais do que se, seja qual for o motivo, insistir em dados fantasiosos. Ele tem de decidir entre "sangue suor e lágrimas", partilhados com o povo, e a falsa amizade de sibaritas que estão sempre com o poder. Pelo seu passado, os que o conhecem ainda têm uma réstia de esperança.

JOÃO EMÍLIO FALCÃO